



“A violência pela violência não se sustenta”: Analisando a violência política

Diego Coletti Oliva¹

RESUMO: Neste artigo busco analisar a instrumentalização política da violência pelos adeptos da tática black bloc no período iniciado nas Jornadas de Junho de 2013 no Brasil. A partir dos dados levantados durante a pesquisa de campo realizada para a tese de doutorado, em paralelo à ampla pesquisa bibliográfica e mesmo da comparação com outros pesquisadores que se dedicaram ao tema procurei entender a metáfora da guerra por trás da ação direta empreendida pela tática como uma forma legítima de ação política, e assim compreender sua mensagem de forma mais clara a partir da categoria da violência performática e de suas ações como forma de resistência mas também de catarse.

Palavras-chave: Violência. Política. Ação Direta. Performance. Resistencia.

“Violence by violence doesn’t hold it self”: Analysing political violence

ABSTRACT: In this article I seek to analyze the political instrumentalization of violence by the adepts of the black bloc tactic in the period started in the Journeys of June 2013 in Brazil. From the data collected during the field research carried out for the doctoral thesis, in parallel to the extensive bibliographical research and even the comparison with other researchers who dedicated themselves to the theme, I tried to understand the metaphor of the war behind the direct action undertaken by the tactic as a legitimate form of political action, and thus to understand its message more clearly from the category of performative violence and its actions as a form of resistance but also of catharsis.

Keywords: Violence. Politics. Direct Action. Performance. Resistance.

Desde os primeiros contatos com o trabalho de campo durante a construção de minha tese de doutorado, simultaneamente pelas redes sociais, pelos discursos midiáticos e pelas próprias manifestações, comecei a identificar as primeiras questões que deveriam ser esclarecidas para que a análise desse fenômeno tão complexo que é a instrumentalização política da violência por meio da tática black bloc pudesse ser feita. A relação entre violência e política, a sua dinâmica no contexto analisado, e os principais

¹ Professor Colaborador do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: oliva.dc@gmail.com.



sujeitos envolvidos neste cenário, bem como os enquadramentos que dão sentido a este fenômeno para estes sujeitos.

Ora, a relação entre política e violência está longe de ser uma novidade trazida pelas *jornadas de junho de 2013*, tampouco é uma prática iniciada pela tática black bloc ou mesmo pelos movimentos anarquistas, autonomistas e libertários. Mesmo assim, não foram raras as ocasiões em que ao utilizar o termo violência política tive de explicar aos meus interlocutores como a violência frequentemente é instrumentalizada como ferramenta de ação política, não como desvio, abuso ou excesso, mas como um ato politicamente orientado em si, como parte do jogo político, da mesma forma que a diplomacia ou qualquer outra forma de ação política.

A instrumentalização política da violência foi justificada e até mesmo estimulada pelas mais variadas ideologias ao longo do tempo sempre que foi considerada necessária, nossa história é marcada por ações diretas violentas conduzidas por personagens que hoje são considerados heróis revolucionários que lutaram em prol da liberdade, da igualdade e da justiça (DUPUI-DÉRI, 2014). Ou seja, a relação entre violência e política é muito mais complexa do que a de simples rejeição à ações violentas, muito pelo contrário, a política é historicamente, e legitimamente, marcada por tais ações.

No entanto, com o desenvolvimento dos Estados modernos liberais o recurso a violência política, ou o uso da força enquanto ferramenta política passa a ser entendido como monopólio do Estado e, em certa medida, base de sua autoridade política (ELIAS, 1993; WEBER, 1984). Para assegurar a proteção de seus cidadãos e minimizar os riscos da violência física na sociedade, a autoridade do Estado toma exclusivamente para si o direito ao uso legítimo da força, por meio de suas forças armadas e de segurança pública. Quaisquer outros atores que o façam estarão subvertendo a ordem e agindo contra a legalidade do Estado, ou seja, se a violência não vem do Estado ela será considerada criminosa.

No entanto, uma das principais questões trazidas à tona durante *jornadas de junho de 2013*, e em especial pela tática black bloc, é justamente a legitimidade desse



monopólio da violência, ou ainda, se as ações diretas empreendidas pela tática sequer podem ser chamadas de “violentas”, conforme apontado pelos próprios manifestantes:

Cresci vendo como os políticos utilizam a violência para o que eles querem, como a polícia é utilizada politicamente. Aprendi isso, porque eu não posso fazê-lo? Só o estado tem o monopólio dessa violência política? Não, para mim não, eles não têm esse monopólio, eu reajo à violência política deles com a minha. (SOLANO et al, 2014, p.106).

Então, violência vem do Estado... o que fazemos é defesa, não vemos outra opção senão isso. Isso chama a atenção, mostra um ideal, isso nos dá uma chance de enfrentar um estado reacionário. Quando quebramos a vidraça de um banco não estamos atacando um ser animado pra ele ser violentado... não há violência nisso. Isso é simbólico, bancos destroem vidas, uma vidraça no dia seguinte já tem uma nova. (Entrevista com Black Bloc, 2015).

Essa recusa ao monopólio legítimo da força pelo Estado é um importante ponto de tensão ao se analisar a instrumentalização política da violência e se construir esse conceito de violência política, na medida em que é a partir desta questão que se criminalizam as ações diretas realizadas pelos adeptos da tática black bloc e, ao mesmo tempo, é também por meio desse monopólio que se legitimam as violações de direitos humanos, abusos de autoridade e outros ilegalismos vinculados à repressão e a brutalidade policial, que constitui apenas outra face dessa mesma moeda.

No entanto, como apontei anteriormente, o uso da violência como forma de atuação não é consenso mesmo entre os adeptos da tática black bloc. Esse recurso só seria justificável em circunstâncias bastante específicas e como forma de reação e defesa, sendo que a manifestação não violenta continua sendo considerada mais legítima (DUPUIS-DÉRI, 2014). Ainda assim o monopólio da violência pelo Estado e, principalmente, a forma como essa violência é utilizada de maneira desproporcional e arbitrária é uma das principais questões que impulsiona e justifica as ações da tática.

1. A GUERRA COMO METÁFORA

A guerra é a continuação da política por outros meios. (CLAUSEWITZ, 1996).

A política é a continuação da guerra por outros meios. (FOUCAULT, 2002).

O famoso aforismo de Clausewitz (1996), e sua inversão proposta por Foucault (2002) dão o tom da relação que se estabelece entre política e violência, o ciclo entre repressão e ação violenta, entre polícia e black bloc, e não é por acaso que aciono aqui o termo “guerra” ao me referir à essa violência.

Observando o contexto dos protestos, as relações entre adeptos da tática black bloc e polícias militares se baseia em um discurso do antagonismo, da guerra, da dinâmica da desumanização do outro, e do inimigo a ser combatido. Estas práticas discursivas estão presentes e são constantemente acionadas igual e inversamente por ambos os lados dessa relação, a lógica da hipermilitarização e da guerra não está presente apenas nos militares, mas em diversos aspectos da sociedade, inclusive entre os manifestantes, principalmente entre os adeptos da tática black bloc.

FIGURA 1 - POLÍCIA MILITAR E BLACK BLOC



FONTE: FACEBOOK Black Bloc Curitiba, 2013.

De um lado fardas e coturnos interpretados como a representação da violência do Estado, não do policial individual, mas da corporação da Polícia Militar, considerada pelos seus adversários como uma máquina brutal e violenta de opressão que gera ódio e aversão, alguém com quem não se dialoga, cuja única função é abafar e reprimir a voz e



os direitos dos manifestantes. Do lado oposto roupas pretas e rostos mascarados, vistos como vândalos e rebeldes sem causa, jovens despolitizados sem nada a dizer, nada mais do que criminosos e terroristas oportunistas cujo único objetivo seria promover a baderna, a depredação e a violência gratuita.

Duas visões simplistas e equivocadas em muitos aspectos. Ainda assim duas visões amplamente difundidas e reproduzidas no interior de seus respectivos quadros de referência, gerando discursos de medo, ódio e frustração e fortalecendo cada vez mais o antagonismo, a polarização e a lógica da guerra entre Polícia Militar e black bloc, dividindo a disputa entre supostos defensores do *status quo*, da lei e da ordem, e potenciais anarquistas subversivos.

No entanto, apesar da resposta fácil oferecida por essa leitura, para que seja possível compreender essa relação de forma mais ampla é necessário se livrar desses estigmas infrutíferos construídos e reforçados dentro desse discurso de black bloc/vândalo contra PM/fascista.

O suposto “vandalismo” do Black Bloc carrega muito mais sentido do que a maioria dos comentaristas políticos, jornalistas e representantes do Estado, estão dispostos a admitir. Como aponto a seguir nesta tese, suas ações diretas “violentas” estão longe de serem ações despolitizadas, vazias e sem causa. Da mesma forma, a polícia militar no Brasil está repleta de questões muito mais complexas do que a violência gratuita ou um sadismo doentio de seus membros, questões essas que devem ser pensadas e problematizadas de forma responsável em relação à violência, abusos de autoridade, violações de direitos humanos e ao próprio fato de se tratar de uma instituição militarizada. Tais questões não podem ser simplificadas, na medida em que as instituições são também reflexos de nossa sociedade que coloca a violência no centro de nossas relações.

É preciso compreender que este estado de guerra, ou mesmo de exceção, usando o conceito de Agamben (2004), não é uma novidade trazida pelas manifestações, ela apenas se concretiza de forma mais visível nessa relação entre black bloc e Polícia Militar, tornando tangível um conflito latente de nossa sociedade, em uma espécie de catarse



marcada pelo antagonismo entre os manifestantes e a polícia militar, que já estava presente por outras violências que são invisibilizadas no cotidiano.

Odeio a PM e essa é a chance que tenho de descontar, não só por mim, mas por milhares de negros e pobres que são mortos diariamente e todos fingem que não acontece nada. (SOLANO et al, 2014, p.204).

O sonho era transformar o país em algo melhor, combater a violência policial, com outra violência. [...] Minha revolta não é contra a PM, mas, naquele momento, o soldado representa a instituição e nós estamos do outro lado. (SOLANO et al, 2014, p.254).

Essa é uma sociedade violenta. Não apenas física, mas também moral e simbólica. Devemos ressaltar que o "conflito" das mobilizações e levantes do povo deve ser entendida, antes de tudo, como resposta a uma violência cotidiana da sociedade em que vivemos, do descaso, da indiferença e da repressão institucionalizada. (FACEBOOK Black Bloc Curitiba, 2015).

Como os próprios manifestantes revelam, não é apenas a atuação da tropa de choque, ou do policial enquanto sujeito, nos confrontos e nas manifestações que desencadeia e mobiliza a reação violenta dos adeptos da tática black bloc, mas a atuação da polícia e do Estado de forma geral, e da própria exploração do sistema capitalista, considerada pelos manifestantes como opressora, ilegítima e, essa sim, violenta.

Todo apoio aos combativos que não aceitam calados os abusos da elite econômica e política do país, estado e município.

Aos combatentes que se erguem a cada dia contra as injustiças impostas, que ainda acreditam em um sistema mais justo e com melhor condição de vida para as pessoas, que ainda agem conforme os ideais libertários derrubando os padrões impostos.

Chega de parasitas sugando e pautando nossas vidas, chega de leis injustas e abuso de poder, chega de violência contra o povo pela busca do poder e capital. Lembre-se: qualquer ação violenta contra os causadores da desigualdade está plenamente justificada pelos ciclos de infinita violência que eles têm nos submetido. (FACEBOOK Black Bloc Curitiba, 2015).

2 AÇÃO DIRETA E VIOLÊNCIA



Mas e quanto à violência das ações diretas promovidas pelos adeptos da tática black bloc? Como é possível compreender sua motivação, sua justificativa, seu sentido? Ora, se a justificativa da violência policial é o “vandalismo”, em geral a justificativa do “vandalismo” é a violência estatal. Não apenas a brutalidade policial sofrida durante os protestos, mas a violência do cotidiano, a violência de um sistema baseado na manutenção e reprodução de desigualdades e opressões, especialmente nas periferias das grandes cidades.

Conforme constatado durante a pesquisa, muitos dos adeptos da tática black bloc participaram das primeiras manifestações em junho de 2013, mas já haviam se manifestado antes em outros movimentos sociais defendendo as mais variadas pautas e agendas políticas, mas sempre com o mesmo resultado: nada. Assim, a radicalização de sua ação e o recurso a formas mais diretas de confrontar e provocar o poder estatal foi a saída encontrada para demonstrar um profundo sentimento de repúdio a um sistema violento, e de frustração com os meios tradicionais de militância e atuação política.

Esses manifestantes, de forma geral, já seguiram o formato dos atos tradicionais, puxados por carros de som, com a presença e liderança de partidos políticos e sob o discurso da pacificação e da não-violência. Sua percepção sobre esse modelo de atuação foi a de que dentro dos próprios movimentos eles não teriam jamais um papel de protagonismo nas ações e dificilmente seus questionamentos e demandas seriam levados adiante e muito menos resolvidos. Ao mesmo tempo, percebiam também que a mídia tradicional, seja impressa ou televisiva, não noticiava as passeatas e atos dos quais eles tinham participado, não havia qualquer repercussão em suas manifestações, o que apenas aumentava sua frustração com esse modelo tradicional de militância.

Dessa frustração vem a adoção por parte dos adeptos da tática de uma atitude de confronto, de um posicionamento mais ativo e agressivo em relação à forma de se manifestar. Não se trata de uma violência gratuita, ou de uma simples explosão de fúria contra o sistema, mas de acreditar que passeatas pacíficas e apelos em carros de som não são suficientes para sensibilizar as instituições políticas atuais, vistas como desumanas e pouco democráticas. Para estes manifestantes os canais de diálogo com essas autoridades



já foram fechados e simplesmente ignoram as demandas da sociedade, e a única forma de atrair sua atenção e reabrir as negociações seria através da pressão exercida por meio da ação direta e da desobediência civil.

Além disso, essa forma de atuação permite também a esses militantes assumirem um protagonismo mais direto na luta por suas pautas, pelo menos simbolicamente eles deixam de ser apenas volume na passeata enquanto alguma liderança política fala no alto do carro de som, e passam a ser eles próprios os agentes centrais de suas reivindicações, há um sentimento de que eles estão provocando a mudança social com suas próprias mãos, ou pelo menos tentando.

São muitas as críticas de que a ação violenta da black bloc corta os canais de diálogo e de comunicação com as instituições do poder estatal. O que essas críticas falham em perceber é que estes manifestantes estão convencidos de que o diálogo já foi encerrado por autoridades que não estão dispostas a ouvir. Para eles o recurso à violência é a única ferramenta para chamar a atenção dessas autoridades para o fato de que eles ainda estão ali, de que eles não estão satisfeitos, e vão ser ouvidos.

A tática ganha espaço, portanto, como uma expressão do descontentamento de uma parte da população com o sistema político vigente e também com as formas tradicionais de militância. No entanto, os adeptos da tática são frequentemente acusados de desconsiderar o processo democrático. Ao usar da violência como forma de atuação política, a tática levanta pontos bastante polêmicos e controversos entre a opinião pública. É comum que os manifestantes pacíficos afirmem que a tática tira a legitimidade do protesto e afasta outras pessoas que poderiam se juntar a suas pautas, mas não o fazem por medo da violência.

FIGURA 2 - ADEPTO DA TÁTICA BLACK



FONTE: FACEBOOK Black Bloc Curitiba, 2014.

Nem todos nós somos vândalos, tem muitos que são até pacifistas, escondem seus rostos e tentam defender pessoas que estão sofrendo alguma agressão policial. O vandalismo em si faz parte da prática, é inegável e é natural que a mídia e o Estado se voltem contra nós e usem isso para nos difamar. Eles têm medo que as lutas se radicalizem, e nós somos o elemento mais radical da atual conjuntura político-social. Obviamente fazem uma cobertura parcial e maniqueísta, somos mostrados como vilões. Infelizmente acho que não podemos contornar isso, o poder midiático é invencível no momento. Eles vendem a ideia de mudanças pacíficas porque sabem que exigimos mudanças muito maiores do que simples reformas. É um fardo e uma vitória ao mesmo tempo ser considerado inimigo de alguém poderoso. Eles racionalizam a domesticação do povo e demonizam a rebeldia. (Entrevista com Adepto da tática black bloc, 2015).

Muitos ativistas e movimentos progressistas, inclusive de uma esquerda mais institucional afirmam que o maior problema da tática black bloc é que ela impede que o público e as autoridades ouçam as mensagens de suas organizações, o “vandalismo” seria um grito por atenção, mas um grito que abafa as demais reivindicações, consideradas mais legítimas. Os próprios policiais e autoridades políticas usam esse mesmo argumento para minar a legitimidade da black bloc, como descrevi anteriormente. (DUPUIS-DÉRI, 2014, p.158).

[...] manifestantes legítimos que agem dentro da lei e tentam fazer com que suas vozes sejam ouvidas de maneiras menos controversas podem achar que



suas preocupações não serão ouvidas em meio ao caos. (DUPUIS-DÉRI, 2014, p.159).

Mas será de fato responsabilidade dos adeptos da tática black bloc que a violência tire a atenção das questões “reais” pelas quais os movimentos sociais se organizam e vão às ruas? Afinal, quem define se o enfoque será sobre as questões que levaram os militantes às ruas ou sobre os atos de vandalismo cometidos por durante os protestos é a própria imprensa e não os manifestantes. O objetivo da tática não é abafar os temas “legítimos” das manifestações, pelo contrário, um dos principais objetivos das ações da tática é justamente o de atrair a atenção da mídia para garantir que haja alguma cobertura e as manifestações não sejam ignoradas, os grandes veículos midiáticos, no entanto, escolhem dar mais atenção a vidraças quebradas do que às pautas dos protestos, conforme aponta Dupuis-Déri.

Os discursos organizados sobre brutalidade policial, imigração, justiça social e capitalismo não foram ouvidos pelo público que via e lia as reportagens da mídia de ontem e de hoje: a maior parte da cobertura era composta por notícias aprofundadas sobre vitrines quebradas. (DUPUIS-DÉRI, 2014, p.160).

Além disso, a intensidade de sua “violência” é inflada e exagerada pelos seus opositores, seja no discurso da mídia tradicional, seja no discurso das autoridades políticas e da polícia, construindo uma narrativa que compara os adeptos da tática black bloc a organizações criminosas e a terroristas:

A mídia tradicional retrata os Black Blocs como excepcionalmente violentos. No entanto, quando comparados à violência extrema e muitas vezes letal praticada em conflitos sociais no passado e no presente, eles parecem até contidos. (DUPUIS-DÉRI, 2014, p.35).

O debate entre violência e não-violência é um ponto de constante tensão entre os militantes mais progressistas e radicais, inclusive a discussão ética sobre a legitimidade do uso da força e a instrumentalização da violência pela militância é um debate que gera muito mais preocupação para os movimentos de esquerda e de caráter mais social do que parece ser para grupos mais conservadores e de da direita política.



Para os adeptos da tática black bloc, no entanto, o recurso à ação “violenta” vem também a partir dessa análise política baseada em experiências frustrantes com manifestações pacíficas, e em uma crítica à passividade da não-violência. Em uma postagem na página do Facebook do Black Bloc Curitiba, essa crítica é apresentada na forma de um breve artigo intitulado “A covardia pacifista”, publicado em 6 de julho de 2014. O texto faz referência ao livro do autor anarquista Peter Gelderloos, “Como a não-violência protege o Estado” a partir da seguinte citação:

Frequentemente, os pacifistas preferem caracterizar-se como os certos ao invés de defenderem suas posições com argumentos. À maioria das pessoas que ouviram argumentos sobre a não violência ser-lhe-á familiar a ideia de que a não violência é o caminho da dedicação e disciplina, e que a violência é a “saída fácil”, uma entrega a emoções básicas. É claro que isso é absurdo. A não violência é a saída fácil. (GELDERLOOS, 2011, p.94).

De acordo com o texto, o pacifismo seria a saída mais fácil em uma situação de disputa política, visto que o recurso à violência envolve inúmeras variáveis, necessita de um contexto específico e põe em risco os sujeitos envolvidos, enquanto a não-violência, ou o pacifismo seria apenas uma rejeição à toda e qualquer alternativa mais agressiva contra o *status quo* a partir de um falso moralismo. A partir desse argumento, o texto ressalta que não seria possível estabelecer um diálogo pacífico quando a única resposta que se recebe do poder estatal é a repressão violenta institucionalizada. Nesse sentido, a tática black bloc seria, para seus adeptos, o mais puro exemplo de atuação revolucionária ao organizar uma reação violenta contra repressão violenta do Estado de forma efetiva.

Apesar dos limites desse posicionamento em relação à violência, cabe ressaltar que no mesmo texto há um trecho que acaba por revelar o caráter utópico de sua própria argumentação, e deixar bastante claro que, no contexto atual, seus ideais estão longe de serem concretizados

É preciso dizer, porém, que a violência pela violência não se sustenta. A violência sozinha não garante a vitória. É preciso que os trabalhadores, estudantes e todos aqueles dedicados e empenhados na luta revolucionária pela liberdade incondicional de todos os povos, se organizem de forma autônoma, horizontal e principalmente pacífica. Sem essa prévia organização construída ao longo de um processo de fortificação das bases e das massas oprimidas, não haverá abertura para um contexto revolucionário plausível de cunho não-pacífico. Sem o devido preâmbulo, as bases para tal processo simplesmente



não se sustentarão e, principalmente, a revolução não contará com apoio e a legitimidade do restante da população, ainda incubada em suas redomas alienantes impostas pelo senso comum e interesses particulares da grande mídia. Quando isso acontece, fica fácil de identificar pelas palavras ecoadas pela majoritária parcela da população: “vândalos”, “terroristas” e pejorativos do gênero. (FACEBOOK Black Bloc Curitiba, 2014).

Apesar dessa postagem, o próprio recurso à violência como forma de ação é uma questão um tanto polêmica na tática, visto que para alguns manifestantes, a tática deve ter um papel apenas de defesa contra a repressão policial, nunca de ataque. De qualquer forma, quando se analisa friamente suas ações, suas armas, e mesmo sua preparação para as manifestações, fica claro que aqueles jovens militantes anarquistas não estão arquitetando atentados contra o Estado ou se preparando para o enfrentamento armado, na melhor das hipóteses eles estão improvisando como podem para não ser massacrados pela tropa de choque quando o confronto começar:

Mesmo aqueles que acreditam, por exemplo, que o “capital está travando uma guerra contra nós” e que a violência estrutural brutal do sistema equivale a uma forma de “guerra social”, não fazem treinamentos com armas, nem as estocam, excetuando-se os poucos coquetéis Molotov. Os anarquistas de hoje podem falar ou sonhar sobre a “revolução”, mas não estão se preparando para uma. (DUPUIS-DÉRI, 2014, p.90).

Em termos práticos, no entanto, interessa a esta pesquisa outro aspecto da questão: essa instrumentalização política da ação violenta promovida pela tática black bloc tem alguma eficácia? O que ela traz em termos de ganhos políticos para os movimentos sociais que a empregam?

Independente das questões ideológicas e morais sobre o tema, infelizmente a Sociologia não dá nenhuma resposta clara à questão da “eficácia” dos movimentos, manifestações e táticas sociais, sejam eles violentos ou não. Ainda mais quando não conseguimos definir com certeza se as ações da tática black bloc sequer podem ser compreendidas na chave da violência, já que, como veremos adiante nesta tese, ao contrário do que normalmente se pensa, essa ação é predominantemente simbólica e deve ser entendida mais na interface da política com a arte e a performance do que da política como crime. (SOLANO et al, 2014, p.284).



Alguns acadêmicos e lideranças militantes tendem a conceber a eficácia de protestos em manifestações em termos de ganhos sistêmicos, ou seja, de representação mais forte nas instituições oficiais e maior participação dos recursos coletivos (DUPUIS-DÉRI, 2014, p.93). No entanto, quando pensamos em eficácia, também é importante levar em conta outras questões, como:

Mudanças culturais em vez de mudanças apenas políticas ou econômicas; a direção da mudança em vez de meros objetivos específicos; a reclamação do espaço para as atividades do movimento; a mudança na ênfase das questões no debate público; a reestruturação dos sentidos de termos e de interações; a concentração no fortalecimento e nas construções de identidade dos atores do movimento; o destaque da legitimidade e do engajamento dos participantes; a criação de uma “ameaça crível” às autoridades instituídas; e o nível de repressão sofrido pelo movimento, seja abertamente ou não. (DUPUIS-DÉRI, 2014, p.92).

Nesse sentido, não é possível quantificar se há mais ou menos eficácia nas ações “violentas” ou nas pacíficas, ainda assim é possível identificar que o uso da ação “violenta” por determinados grupos dentro de um movimento social mais amplo pode beneficiar inclusive aqueles que condenam esse tipo de ação. Como aponta Dupuis-Déri (2014) sobre a violência política, mesmo movimentos amplamente pacifistas por vezes são apoiados por aliados que adotam táticas mais “violentas” de manifestação, como nos movimentos liderados por Gandhi e Martin Luther King:

Tanto um como o outro faziam parte de movimentos amplos que incluíam atores políticos que recorriam à força e conduziam ataques armados contra a polícia e contra as Forças Armadas. Será que os ativistas não violentos teriam triunfado sozinhos, sem a violência de seus aliados, na expulsão de colonizadores britânicos da Índia ou no fim da segregação racial nos Estados Unidos? (DUPUIS-DÉRI, 2014, p.94).

Para os defensores e simpatizantes de táticas de ação direta a resposta à essa pergunta é bastante simples: não. Segundo essa perspectiva a pressão gerada pelas ações violentas tem um papel determinante em levar as autoridades a considerar aceitar um certo grau de emancipação e ceder às demandas coletivas com o objetivo de isolar e neutralizar mais rapidamente as pessoas envolvidas nos atos violentos. A violência nas ruas, fora do controle das autoridades, seria uma forma de acelerar a negociação com os movimentos sociais “legítimos” para conter rapidamente a situação. “Nesse sentido, o



uso da força na arena política pode muito bem ser um meio eficaz de gerar debate e mudança em situações que, à primeira vista, parecem imutáveis” (DUPUIS-DÉRI, 2014, p.95).

As estratégias pacíficas e institucionalmente aceitas, empregadas com tanta frequência e legitimidade pelos movimentos sociais tradicionais não tem conseguido alcançar grandes mudanças ou promover reformas profundas nas questões que enfrentam historicamente, nem no Brasil, nem em qualquer outro lugar.

Em seu artigo *Reflexões sobre Gandhi*, George Orwell já apontava que o método de resistência passiva adotado por Gandhi não pode ser generalizado para um contexto onde não haja uma imprensa capaz de noticiar a repressão policial nomeando-a como violência de Estado, que seja capaz de atuar de forma livre e independente e de fomentar uma opinião pública politicamente progressista e liberal (ORWELL, 2005). Na medida em que a imprensa não é um canal livre e independente de circulação de informações, mas tem interesses e alianças com poderes políticos, geralmente interessados em abafar e repreender os movimentos sociais.

Nesse ponto, tanto Orwell como os adeptos da tática Black Bloc compreendem que a desobediência civil não violenta nunca alcançará sozinha o impacto que precisa para gera efeitos políticos reais no contexto em que estamos inseridos. Ao questionar o monopólio da violência pelo Estado e direcionar essa violência política àqueles que financiam o poder estatal, os adeptos da tática black bloc ameaçam o *status quo* não permitindo que as autoridades mantenham-se indiferentes às suas ações – como o fazem em relação a passeatas pacíficas. Assim, fica bastante claro quando observamos de perto os protestos e manifestações em que a tática se faz presente, que algumas poucas dezenas de adeptos da tática black bloc conseguem atrair mais atenção a uma causa do que 2 mil manifestantes pacíficos, mesmo que seja por causa da violência e não da pauta do protesto em si. Ou seja, mesmo que não se estabeleça nenhum diálogo direto com as autoridades, é perceptível que a violência política traz mais questões para o debate do que as manifestações pacíficas.



3 A MENSAGEM

Um ponto importante que é frequente tema de discussões em relação à atuação da tática é em relação à sua proposta. Como falei em alguns momentos deste texto, é comum que os adeptos da tática sejam caracterizados como jovens rebeldes sem causa, sem nenhum sentido político em suas ações, sem nada a dizer, apenas agindo de forma violenta e impulsiva e deturpando o sentido a as pautas legítimas das manifestações. Todas as vezes que fiz esses comentários busquei deixar claro que isso era um engano, uma falácia ou mesmo má fé de quem não está disposto a ouvir o que esses jovens têm a dizer e a mensagem implícita em suas ações. Mas o quê eles têm a dizer? Qual é então essa tal mensagem que eles buscam transmitir por meio da “violência”?

Ao fazer esta busca, não podemos nos esquecer de que a linguagem é sempre uma opção política, e que parte dos conflitos sociais em que estamos inseridos são disputas de significado e de sentido, afinal, quem tem o poder de nomear e definir as coisas é quem tem a capacidade de impor seu significado. Daí a escolha por marcos metodológicos que permitissem problematizar os significados atribuídos as ações da tática por diferentes práticas discursivas dentro de diferentes enquadramentos. A mensagem da tática está intrinsecamente envolvida em um campo de disputa de sentidos, em um enfrentamento semiótico por assim dizer.

Mesmo que não gostemos de admitir, ou não dediquemos muito esforço para fazer esse tipo de leitura, a violência é também uma forma de expressão e de comunicação, ele sempre traz um significado e uma mensagem implícita, mesmo que não gostemos de seu conteúdo, seja pelos motivos que ela ocorre, pelos alvos que ela atinge, ou pelos sujeitos que a perpetraram. No entanto, a violência é uma linguagem de difícil tradução, raramente todos os envolvidos são capazes de compreender uns aos outros e de se fazer compreender, por vezes os discursos concorrentes sobre a violência não dialogam de forma alguma, presos cada um no seu universo de sentidos, para que esse diálogo seja possível, é necessário mudar o foco da ação em si para o significado da mesma.



No caso das ações da tática black bloc, trata-se de não limitar a percepção às vidraças quebradas e confrontos com a tropa de choque da polícia militar, mas observar o recurso à tática também como uma expressão de frustração e descontentamento com as instituições políticas e a militância tradicional, como apontei nesta tese. Como aponta Solano, tal movimento muitas vezes revela que sujeitos aparentemente antagônicos muitas vezes estão muito mais próximos do que parecem quando expressam suas insatisfações:

Manifestante: “Ninguém entende. Não estamos sabendo comunicar o que queremos. Não estamos sabendo comunicar nossa indignação. Mas é tão difícil entender? Não aguentamos mais, o país não aguenta mais! É um basta! Chegou a um limite que não dá mais!”. (SOLANO et al, 2014, p.31-32).

PM: “Ninguém entende que temos muitos problemas. Ninguém quer escutar e nós não estamos sabendo comunicar. Mea-culpa. Muitas coisas devem melhorar. Nós somos o reflexo da sociedade, com seus problemas. O que está claro é que a situação deve melhorar. Do jeito que está é muito ruim”. (SOLANO et al, 2014, p.32).

Apesar das diferentes soluções propostas, dos diferentes caminhos seguidos, há um discurso comum por trás dos conflitos, e mais do que isso, há uma mensagem por trás da violência, a violência das ações da tática black bloc nada mais é do que apenas um meio, uma mídia, a linguagem escolhida por seus adeptos para realizar suas performances e transmitir sua mensagem, no entanto, as ações da tática se limitaram a realizar essas performances, sem fazer um manifesto capaz de explicar aos que não compartilhavam de seus princípios porque estavam quebrando aquelas vidraças e enfrentando aqueles policiais, e assim, a única explicação que circulava sobre as ações da tática de forma mais clara e acessível, por mais que equivocada, era a versão da mídia tradicional.

Durante o trabalho de campo desta pesquisa, graças às inúmeras conversas informais e as entrevistas realizadas com os adeptos da tática, e também comparando com dados secundários levantados por outros pesquisadores, os adeptos a tática black bloc estão longe de serem os vândalos irresponsáveis agindo de forma irracional e oportunista pintados pelo discurso midiático e também pelos órgãos de segurança pública. Era jovens que depredavam sim o patrimônio público e privado de grandes instituições financeiras, mas faziam isso movidos por questões que haviam sido debatidas e estudadas por eles.



Podem ser acusados de fechar definitivamente as portas para o diálogo ao recorrer à violência, ou de que o uso de máscaras e a falta de lideranças controlando suas ações abre espaço para oportunistas infiltrados e para a criminalização dos movimentos sociais, mas é desonesto trata-los como simples baderneiros sem ideais, conhecimento ou propostas políticas em suas ações.

Vários dos sujeitos desta pesquisa, por exemplo, para além de sua atuação nas manifestações realizam, ou realizaram estudos e debates sobre ação direta, anarquismo e sobre a própria tática black bloc, longe de serem os jovens desinformados e desinteressados por questões políticas como acusados pela mídia e pelo senso comum, apesar de muitos dos sujeitos desta amostragem terem entrado em contato com a tática apenas em 2013, graças às *jornadas de junho*, suas respostas quando questionados sobre como conheceram a tática refletem bem sua dedicação ao estudo e aprofundamento de conhecimentos sobre o assunto:

Como conheceu a tática black bloc?

1- Estudos particulares de resistência popular

2- Conheci estudando sobre as frentes de esquerda europeias da década de 80 e 90, principalmente os *squats* alemães.

3- Amigos, principalmente pelos livros e manuais de ação direta, tudo disponível na internet.

4- Pelo movimento estudantil e nas manifestações fora FHC em Brasília em 1999 ao qual participei e no acampamento intercontinental da juventude do fórum social mundial de 2001 2002 e 2003. Antes disso só tinha ouvido falar referente a batalha de Seattle 1998 da tática black bloc.

5- Me deparei com o movimento alemão durante estudos sobre história e revi este conhecimento com o aparecimento do movimento nacional nas últimas manifestações.

(Questionário aplicado a adeptos da tática black bloc, 2015)

A importância política de suas ações é auto evidente para os ativistas adeptos da tática black bloc, não é violência, ou vandalismo, violência é o que as corporações capitalistas, a mídia tradicional e o Estado cometem cotidianamente contra a população, são estes os vândalos e criminosos.



[...] para mim dano a propriedade não é violência, a não ser que a pessoa tenha ali seu meio de subsistência. A polícia é muito mais violenta do que qualquer mascarado, não temos nem chance de fazer o que eles fazem. (Entrevista com Adepto da tática black bloc, 2015).

Essa percepção dos adeptos da tática sobre suas ações, tirando delas o caráter de “violência”, se sustenta dentro de um enquadramento bastante específico, onde o significado de seus atos, o conteúdo de sua mensagem política, não deve ser compreendido pelas suas ações, mas pelos alvos destas. É muito raro que pequenos estabelecimentos comerciais tornem-se alvos da tática black bloc, em geral são fachadas de órgãos públicos e de grandes instituições financeiras capitalistas que são atacadas, e quando essa exceção acontece, ou os “vândalos” não são de fato adeptos da tática black bloc, ou há algum outro motivo por trás dessa ação, como o proprietário ser apoiador de algum político, sócio de alguma corporação, etc.

Seja como for, é quase um consenso entre os sujeitos entrevistados para esta pesquisa que, apesar da mensagem estar lá, de ser importante, de estar sendo transmitida com certo sucesso por suas ações, de acordo com sua perspectiva, de forma geral ela não está sendo compreendida por uma parte da população, por diversos motivos, por alienação, por falta de vontade política, por influência da mídia, do Estado, de movimentos sociais contrários à tática e por essa falta de compreensão e de apoio generalizado as conquistas das ações foram limitadas. Ou seja, por mais que o enquadramento do sentido das ações diretas construído pela tática tenha uma mensagem política clara, as narrativas midiáticas exerceram mais influência no enquadramento percebido pela opinião pública ao longo do tempo, e a percepção mais generalizada se alinha aos discursos midiáticos.

Por um lado, eles popularizaram a tática no Brasil, inspiraram muitas pessoas e radicalizaram outros. Infelizmente, as ações também colocaram parte da opinião pública contra a tática porque a população desconhece os motivos por trás dela, e a mídia criminaliza os que a utilizam. (Entrevista com Adepto da tática black bloc, 2015).

Por culpa de desinformação da mídia, e talvez até por um consenso manufaturado encomendado pelo Estado, as pessoas associaram a tática black bloc a depredação de patrimônio, especialmente dos pequenos comerciantes nas grandes avenidas. (Entrevista com Adepto da tática black bloc, 2015).



A maioria vê o Black Bloc como os marginais da sociedade, verdadeiros rebeldes sem causa, porque veem eles, na maioria das vezes, em combate com a polícia, ou quebrando bancos, mas nunca se perguntam o porquê daquilo, preferem acreditar no que a grande mídia passa. (Entrevista com Adepto da tática black bloc, 2015).

[As mensagens] não foram entendidas, como já falei, foram deturpadas pelo governo, sobretudo pela mídia, e hoje temos o padrão de manifestação que vinha sendo nos colocado pela mídia desde 2013. Veja, quando o movimento estava fora do controle, pelo que lembro até tiveram propostas de reformas pelos políticos mais expressivos, a população até legitimava a tática, tem um vídeo da época, no programa do Datena, veja o nível das pessoas que assistem esse programa, a maioria apolitizada, reacionária, sem menosprezo, mas naquela época ele fez uma pesquisa de quem apoiava as ações "violentas", deu 90% a favor. Então o papo de que a tática esvaziou ruas é balela. O problema é que não tem como competir com panfletos com uma mídia de nível nacional, seja Globo, Band, Record, etc. (Entrevista com Adepto da tática black bloc, 2015).

Dessa forma, com todos os limites encontrados para atuação e para a compreensão das ações da tática, não fica claro em que medida as ações da mesma foram capazes de transmitir a mensagem política desejada, de fomentar uma crítica radical aos sistemas político e econômico e denunciar as violências estruturais desse sistema, no entanto, sem dúvida elas foram muito eficazes em atrair a atenção da mídia tradicional, e dar visibilidade aos protestos e manifestações que tomaram as ruas desde as *jornadas de junho de 2013*. Talvez as pessoas não tenham entendido a mensagem – graças à difícil tradução da linguagem escolhida –, mas com certeza elas a viram.

3.1 Violência performática

Os objetivos das ações da tática black bloc – como apontado por Dupuis-Déri (2014), por Solano (2014), e comprovado em meu próprio trabalho de campo, repetido por inúmeros sujeitos desta amostragem em entrevistas, e sempre presente nas postagens das páginas da tática – podem ser resumidos basicamente em 3 elementos centrais:

- a) **Atenção:** Atraindo a cobertura midiática para as manifestações nas ruas e para os movimentos sociais que as convocaram, dando voz às suas demandas e pautas;



- b) **Proteção:** Formando uma linha de defesa contra a repressão, fortalecendo a capacidade das manifestações de resistir aos ataques da polícia e protegendo os manifestantes do confronto direto;
- c) **Denúncia:** Atacando símbolos do capital e do poder estatal como uma forma de crítica radical ao sistema político e econômico vigentes e às injustiças sociais imbricadas nessas relações.

Seja como for, o sentido das ações da tática é o de provocar um debate, chamar a atenção, abrir espaço, fortalecer aqueles que estão dispostos a falar sobre política, e para transmitir essa mensagem e cumprir esses objetivos, a tática age na mesma chave do espetáculo midiático, na medida em que busca introduzir um contra espetáculo, um contra discurso que, ainda que dependente do discurso oficial, busca subvertê-lo, denunciá-lo por seus próprios meios, por exemplo, chamando a atenção da mídia para que esta não tenha escolha a não ser cobrir as manifestações onde ela própria é criticada, ou ainda revidar com violência a violência policial, para que a brutalidade da repressão fique evidente.

A interpretação é bem mais simples do que parece, os defensores da tática black bloc justificam sua atuação como uma forma de manifestação que utilizar a violência de forma performática como uma ação direta com a intenção de provocar uma reação na sociedade, na própria população para que enxergue as injustiças e abusos do Estado, como nas instituições para que façam algo a respeito das mesmas. Para estes sujeitos a “violência” é considerada uma forma de expressão, não o fechamento das portas do diálogo, como muitos críticos defendem, mas justamente o contrário: a busca por diálogo com um poder silencioso e alheio às suas reivindicações, que não atende as demandas feitas de forma pacífica. Essa violência simbólica seria, no limite, uma arma comunicativa, que revela uma percepção de que os canais de diálogo convencionais, a política tradicional e mesmo a militância pacífica já fracassaram como forma de exercício da democracia e de participação política, já que o poder institucional não está disposto a ouvir e a dialogar.



Eles dizem que nunca convocam as manifestações, e que vão à rua para proteger os manifestantes. São duas ações: uma que eles chamam de proteção – a linha de frente –, e, outra, de ação direta. Essa é a forte agora: chamar a atenção, “dar um grito”, utilizando a violência como forma de expressar a indignação. (SOLANO et al, 2014, p.39-40).

Esse grito de indignação busca, portanto, chamar a atenção para as pautas dos movimentos sociais que estão nas ruas, que convocaram as manifestações, seja pela diminuição das tarifas, contra os gastos dos megaeventos ou contra o sucateamento do sistema de educação, saúde, etc. Nesse sentido entra o caráter de denúncia das suas ações diretas. Os alvos de seus “atos de vandalismo” são também alvos simbólicos que “encarnam” as críticas que os adeptos da tática pretendem fazer contra o sistema político e econômico. Ao quebrar vitrines de agências bancárias eles não estão atacando aquela agência bancária específica, mas denunciando um sistema financeiro predatório e explorador. Ao depredar prédios públicos de órgãos governamentais, eles não estão apenas destruindo patrimônio do estado, mas expondo um sistema político autoritário e injusto. Para os adeptos da tática a violência não está em seus atos, mas no sistema político e econômico, e ao atacar símbolos e instituições que representam esse sistema eles estão denunciando essas violências estruturais, ou pelo menos é essa a mensagem que eles pretendem transmitir.

Esses atos que foram chamados de vandalismo eram atos simbólicos, de cunho eminentemente político/ideológico. Essas ações começaram a ser feitas depois da recusa do Estado em dialogar e colocar seu aparato coercitivo na frente de seus prédios, assembleias, prefeituras, etc. Então, acho que essas estruturas passaram mais do que nunca a representar o poder de onde vinham as ordens autoritárias. Daí vem quebrar esses símbolos como uma representação de derrubada desse poder, para se erigir um novo poder: o do povo, ou na visão anarquista, a ausência de um poder nos oprimindo. Ainda, tem as ações contra bancos e tal, que representam o capital que suporta esse Estado violento. (Entrevista com Adepto da tática black bloc, 2015).

O conceito de performance de Tarrow (2009), onde os atores realizam uma exibição em público na tentativa de chamar atenção para uma causa, oferece grande ajuda para a compreensão da tática, quando conectamos as raízes anarquistas da mesma de forma a estabelecer uma articulação direta à ideia de propaganda pelo ato. Historicamente a violência como forma de manifestação política foi se tornando mais rara à medida que



os Estados nacionais ocidentais se democratizavam e tomavam para si o monopólio legítimo da violência.

Na década de 1950 surgiram várias ações que podem ser facilmente relacionadas a ideia da propaganda pelo ato. Movimentos autonomistas e grupos de guerrilha urbana também se apropriaram deste conceito nos anos 1970. Durante este período também o conceito de Sabotagem Cultural, Guerrilha Imaginativa, Guerrilha de Comunicação e outros tipos de ações não-violentas, artísticas e políticas se tornaram populares como novas formas de “ação direta”, mas ainda de forma pacífica. Atualmente, tem se tornado mais notórias as ações de grupos anarquistas e anticapitalistas em manifestações massivas ao redor do globo, que empregam as técnicas de ação direta consideradas violentas em seus atos. Nestas ocasiões os adeptos da tática black bloc são um dos mais ativos grupos no enfrentamento de aparatos repressores, e na destruição de símbolos capitalistas, prédios públicos e corporativos.

Nesse sentido, para além dos prejuízos causados diretamente aos bancos e grandes corporações afetados por suas ações, a destruição e a violência empreendida pelos adeptos da tática contra esses grupos tem ainda outro aspecto eminentemente simbólico: questionar o monopólio da violência pelo Estado, ganhando uma dimensão ainda mais transgressora. Nas palavras de Dupuis-Déri, “diante do espetáculo oficial projetado para legitimar e glorificar o poder, o contra espetáculo da ‘festa de rua’ luta para manifestar o poder do protesto e corroer a aura de legitimidade do poder oficial” (DUPUIS-DÉRI, 2014, p.115).

Além da crítica ao sistema, foi possível notar também durante as entrevistas e questionários, e durante a própria observação de campo, que é frequente também a denúncia da brutalidade policial na repressão às manifestações como foco da ação da tática. O que é totalmente esperado pelo posicionamento dos adeptos, ao se colocarem como linha de defesa das manifestações, entrando em confronto direto com as tropas de choque das polícias militares, suas ações contrastam diretamente com as ações das forças de segurança, que também compartilham uma instrumentalização política da violência,



não no sentido de subverter e questionar o *status quo*, mas justamente no sentido inverso, de proteger e garantir a manutenção do mesmo.

Assim, a tática utiliza a visibilidade conseguida por seus atos para expor os atos repressivos, as violações de direitos e a brutalidade policial. A lógica construída é de que através de uma violência sem vítimas, performática, simbólica, eles buscam expor uma violência estrutural e institucionalizada e dar voz às suas vítimas. Sua intenção é, por meio de ações radicais, trazer para o debate as violações e agressões cotidianas do sistema político e econômica, que são constantemente invisibilizadas, e por isso muito mais perversas.

Os crimes do estado, do sistema, representam a violência real. A violência realizada pela tática é uma forma subversiva de chamar a atenção sobre aquela cometida pelo sistema. (SOLANO et al, 2014, p.105).

A violência da tática é, portanto, uma ação sempre ligada ao espetáculo e à performance, muito mais próxima da chave da intervenção artística do que do crime propriamente dito, seus adeptos, em certa medida, assumem o personagem do “anarquista violento” do imaginário popular, mas suas ações são muito menos agressivas do que podem parecer à primeira vista, e na verdade esse é justamente um dos pontos mais transgressores da tática black bloc, a meu ver. Na medida em que suas ações envolvem uma baixa intensidade de violência, um “vandalismo” sem vítimas, que causa pouco estrago real, sem cair nos padrões da resistência armada ou dos atentados “terroristas”, causa mais transtorno e incomodo ao poder institucionalizado, que simplesmente não sabe como lidar com um movimento que se proclama abertamente revolucionário, mas age de uma forma que não justifica formas mais intensas de perseguição e criminalização, pelo menos não em um Estado democrático.

Ainda assim, a criminalização dos adeptos da tática, sob o rótulo de “vândalos infiltrados” deturpando as manifestações foi intensa, como apontarei a seguir, onde os discursos da imprensa e do estado sempre inflaram a violência das ações e associaram todo e qualquer ato de vandalismo à tática. Tal associação também deve ser questionada. Não podemos associar qualquer tipo de depredação de patrimônio, público ou privado à tática, simplesmente porque a tática pratica esse tipo de ato. É preciso ter claro que há



princípios e objetivos por trás das ações da tática, e que ela busca sempre transmitir sua mensagem política, e que, por ser uma ação sem uma organização central, sem uma hierarquia, e mesmo sem uma identificação mais ampla como grupo ou movimento social, é comum que hajam sujeitos oportunistas nos mesmos protestos, esses sim agindo sem uma intenção política como guia.

...É importante dizer que a violência não é uma constante, muito menos um divertimento. Para nós, a violência, quando acontece, é por uma questão de necessidade. Não é, ao contrário do que algumas pessoas pensam, violência indiscriminada, mas sim uma violência com sentido. Você pode desaprovar nossa prática política, mas precisa ser idiota para não ver que usamos violência contra coisas materiais e detestamos violência contra pessoas. O uso de violência contra coisas materiais e a rejeição à violência contra as pessoas caracteriza a prática política dos Black Blocs de todo o mundo. Os objetos contra os quais nossa violência se direciona não são indiferenciados; são símbolos do poder”. (DUPUIS-DÉRI, 2014, p.134).

Nem todo manifestante mascarado, vestindo preto e enfrentando a polícia é necessariamente um adepto da tática black bloc, se atacar pequenos estabelecimentos comerciais, atacar outros manifestantes, de qualquer posicionamento político, depredar carros populares, cometer roubos, assaltos, saques, esse manifestante pode ser qualquer coisa, mas não é black bloc. E é justamente graças a esses outros sujeitos, “outros vândalos”, que a tática não consegue maior apoio e aceitação, seja entre a população ou entre os próprios movimentos sociais.

Essa escolha estratégica pelo recurso à violência como forma de ação política, pode até causar surpresa, chamar a atenção e até incentivar a revolta popular contra os abusos do Estado em um primeiro momento, mas numa sociedade marcada pela violência cotidiana, com uma cultura política pouco ativa, essas ações se tornam cada vez mais monótonas e cansativas, e com o tempo não apenas a tática, mas as próprias manifestações vão perdendo apoio popular.

Importante ressaltar que, como ficou bem claro no caso brasileiro, o recurso à violência foi um elemento que desempenhou um papel polarizador nas manifestações. De um cenário marcado por uma pluralidade incontável de posições políticas, os protestos passaram a se dividir entre aqueles que estão à favor e os que estão contra os aparelhos repressivos do Estado. Basta observar as manifestações que ocorreram especialmente no



ano de 2015, divididas entre grupos contra e à favor do impeachment da presidenta Dilma Roussef, os primeiros frequentemente vítimas da repressão estatal, os segundos no máximo escoltados e acompanhados pacificamente pela polícia militar.

Nesse contexto, a tática black bloc foi o bode expiatório perfeito, aos poucos sendo afastada e deslegitimada pelos próprios movimentos sociais que receberam seu apoio, sendo responsabilizada pela repressão e brutalidade policial do estado, já que sua mera presença “ameaçadora” é suficiente para justificar os abusos das forças de segurança. Assim, como aponta Tarrow, a violência pode ser um grande aliado dos movimentos sociais, mas pode também ser uma grande armadilha, ao trazer o medo da repressão a aliados potenciais e enfraquecer a manifestação, permitindo que as forças da ordem do Estado entrem em ação (TARROW, 2009), gerando um ciclo de confrontos constantes com a polícia militar nas manifestações, um dos motivos pelos quais as manifestações no Brasil perderam força, segundo diversos analistas.

Seja como for, a violência performática da tática black bloc acabou gerando reações na sociedade como pretendia. Ao demonstrar de forma agressiva sua indignação e frustração com o sistema político e econômico a tática gerou reflexões e revolta, mas gerou também medo e ódio.

3.2 Resistência e Catarse

As ações da tática frequentemente são apresentadas também como expressões irracionais de raiva, como uma fúria descontrolada e, por isso, sem sentido. Ora, como dito até aqui, não podemos acusar os adeptos da tática de serem apenas um bando de jovens violentos e despolitizados, isso é fato, esse estereótipo em nada colabora para a compreensão das ações, da violência, ou das motivações da tática, e apenas deslegitima a mesma.

No entanto, me parece prejudicial também excluir da interpretação o fato de que o recurso à violência é também uma espécie de catarse para os adeptos da tática, não como uma ação empreendida por baderneiros em uma busca cega por destruição, como o



discurso midiático faz parecer, mas como uma forma de reação aquele sentimento de frustração com o cenário político e econômico atual, de raiva contra as instituições e de indignação contra as injustiças e a violência estrutural de nossa conjuntura.

Há sim um impulso emocional por trás dessas ações, a raiva contida pelos sujeitos é perceptível, mas isso não significa, de modo algum, que essas ações não engendrem também uma racionalidade política e econômica. O uso da violência, da destruição dos alvos simbólicos de seus ataques, está diretamente relacionado à essa raiva contra o sistema, e a tática tem a ver justamente com pegar essa raiva e direcioná-la contra um inimigo definido, contra o objeto de sua frustração e indignação, daí justamente o princípio de não destruir tudo que encontrar pelo caminho, mas apenas os símbolos de um sistema opressor e desigual.

Razão e emoção não são mutuamente excludentes; ambas podem gerar um desejo político que justifica a ação política. A ação política, seja ela violenta ou não, é gerada por uma vontade política que, por sua vez, é produto de um argumento ou de uma emoção, ou de uma mistura de ambos. Os poucos sociólogos e cientistas políticos que investigaram o papel das emoções na política observaram que tanto emoção como razão constroem o pensamento e a vontade políticos. (DUPUIS-DÉRI, 2014, p.122).

No entanto, é necessário ter cuidado para não cair nas armadilhas da militância radical. Os black blocs fazem uma crítica às formas tradicionais de militância e aos movimentos sociais mais institucionalizados por seus métodos terem pouco impacto e resultados, no entanto, os mesmos são acusados também de etichizar a violência como se as suas ações fossem uma espécie de forma mais pura de militância, como se a ação direta e o ativismo radical fossem politicamente superiores à outras formas de ação. É essa armadilha que faz com que os adeptos da tática possam perder de vista os impactos políticos de suas ações, e de fato ofuscar as pautas e as demandas das ruas, realizando ações e entrando em confrontos de alta visibilidade com a polícia de forma quase ritualística, e às vezes sem necessidade ou resultado algum, apenas para cumprir com uma identidade política prescritiva.

Ao cair nessa armadilha o discurso da tática repete os mesmos jargões e argumentos fáceis e inquestionáveis, porém completamente vazios e inefetivos que são



mobilizados por grupos políticos liberais, conservadores, autoritários e até pelas forças armadas, ao afirmar que estão travando uma guerra em nome da liberdade, da igualdade, da justiça, da paz.

Por sorte, essa não é a perspectiva da maioria dos adeptos, apesar de muitos acreditarem que apenas pela instrumentalização política da violência é possível abrir caminhos revolucionários de mudança, a maior parte deles tem visões mais realistas sobre suas ações. De modo geral o pacifismo e a não-violência são questionados por eles em termos de resultados, no entanto, a violência não é vista como o único meio possível de manifestação, nem mesmo o mais efetivo, mas sim como mais um elemento para fazer pressão sobre as autoridades em defesa de determinada pauta.

Não estou dizendo que o bloco vai acabar com os problemas do mundo. Mas tenho certeza de que é saudável confrontar fisicamente autoridades que sustentam fisicamente um sistema podre e lembrar o resto da população de que dá para fazer essas coisas. (VAN DEUSEN; MASSOT, 2010, p.24, tradução livre²).

A violência tem seu papel como parte do ativismo, mas ela não pode se tornar o centro da ação, ela é apenas mais um elemento estratégico de atuação política, mas de forma alguma é suficiente em si mesma e deve sempre estar associada à outras formas de militância. Nesse sentido é importante para a tática black bloc e seus adeptos, que da mesma forma que ela deve ser reconhecida como forma legítima de ação, ela deve também reconhecer a importância da diversidade de táticas e de outros meios de atuação e diálogo, a resistência e a abertura de novos caminhos podem ser feitas pela instrumentalização da violência, mas essa não pode ser a única linguagem empregada.

REFERÊNCIAS

ELIAS, N. **O processo civilizador** - formação do estado e civilização (vol. 1). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

² Original: I'm not saying that the Bloc will end the world's problems. I don't know if anything will end the world's problems. I am, however, certain that physically confronting authorities which physically uphold a rotten system and reminding the rest of the populace that such things can be done is healthy.



DUPUIS-DÉRI, F. **Black Blocs**. São Paulo: Editora Veneta. 2014.

WEBER, M. **Economía y sociedad**. México: Fondo de Cultura, 1984.

SOLANO, Esther; MANSO, Bruno Paes; NOVAES, William. **Mascarados**: a verdadeira história dos adeptos da tática Black Bloc. São Paulo: Geração Editorial, 2014.

CLAUSEWITZ, C. **Da guerra**. São Paulo: Martins Fontes. 1996.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

AGAMBEN, G. **Estado de Exceção**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

GELDERLOOS, P. **Como a não-violência protege o estado**. Porto Alegre: Deriva, 2011.

ORWELL, G. Reflexões sobre Gandhi. In: **Dentro da baleia e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

TARROW, S. **O poder em movimento**: movimentos sociais e confronto político. Petrópolis: Vozes, 2009.

VAN DEUSEN, V.; MASSOT, X. (org.). **The Black Bloc Papers**. Breaking Glass Press, Alternative Media Project. 2010.

Recebido: 10 set. 2018

Aceito: 16 nov. 2018